



GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS EM DIÁLOGO



DIÁRIO – 22 de abril de 2025

Apresentadores/Autor/Participantes:

Cristiane Muenchen/ Larissa e Lucas Pacheco/ André, Bruna, Daniele, Daniel, Josiane, Larissa e Thiago.

Referência

Tarde de diálogos com a Professora Maria do Carmo Galiazzi

Neste encontro, o GEPECiD teve a honra de receber a Professora Maria do Carmo Galiazzi, uma das principais referências da Análise Textual Discursiva (ATD) — metodologia de análise de dados utilizada pelo grupo e discutida nos últimos meses. Ao longo dos encontros e diários anteriores, diversos aspectos da ATD e da prática do grupo com essa metodologia de análise de dados foram problematizados. Por isso mesmo, a presença da professora Maria do Carmo tornou-se tão importante, pois dialogamos sobre problematizações emergentes de encontros anteriores. Nesse sentido, antes do encontro, foi elaborada uma lista de questionamentos (disponíveis ao final do diário) a serem realizados à convidada, sendo que ela recebeu este arquivo previamente. O encontro iniciou-se com a professora Cristiane realizando uma breve contextualização e solicitando que a convidada fizesse sua apresentação, abordando especialmente a forma como a ATD surgiu e foi disseminada na caminhada da pesquisadora. A professora Galiazzi iniciou sua fala dizendo que as discussões em torno da ATD começaram, especialmente, no ano de 2000. Ela salientou que as discussões haviam se iniciado anos antes, ainda durante seu doutorado (cujo título foi obtido em 2000).

Naquela época, existiam debates sobre as Análises de Conteúdo e de Discurso, sendo a Análise de Conteúdo (AC) muitas vezes criticada como superficial por pesquisadores que utilizavam a Análise de Discurso (AD). A partir disso, foi formado um grupo de estudos sobre as duas análises, sob orientação do Professor Roque Moraes, no qual, a cada semana, um dos integrantes realizava apresentações sobre uma das metodologias. Ao final de 2001, o Professor Roque apresentou os resultados das discussões, compostos por um conjunto de textos escritos por ele a partir dos debates do grupo. A partir desses textos, o professor solicitou que os integrantes do grupo de estudos lessem atentamente os textos e trouxessem contribuições. A professora Maria do Carmo foi quem realizou esse processo; por isso mesmo, tornou-se coautora do livro *Análise Textual Discursiva*.



GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS EM DIÁLOGO



Após essa breve contextualização inicial sobre a gênese da ATD, a convidada elencou alguns pontos que a ATD e AC possuem em comum: unitarização, categorização, produção de metatexto/descrição. Então, questionou os participantes do encontro: "Quais são as diferenças entre ATD e Análise de Conteúdo?" A colega Daniele respondeu que acreditava que a maior diferença está na interpretação dos resultados realizada pelo pesquisador a partir de seus referenciais teóricos. Nesse sentido, a convidada concordou e salientou que a diferença reside, principalmente, na observação do fenômeno (aquilo que se mostra ao pesquisador). Nós, das Ciências Naturais sempre trabalhamos com a teoria antes de pensar os fenômenos, o que também nos molda como pensadores. No processo de ATD, devemos primeiro deixar que o fenômeno se mostre e depois buscar na teoria possíveis explicações para aquilo que observamos e assim somos “*aprendentes*”.

Logo após, a professora Galiazzi iniciou a discussão dos questionamentos elencados pelo grupo.

Iniciando sobre a unitarização e codificação dos referenciais teóricos (presentes na *Questão 01*) sua fala foi: “Eu acho ótimo. Neste livro (Comunidades Aprendentes do Aprender) foi exatamente isso que fizemos (...) Fomos em busca de autores que falassem sobre aprendizagem. Unitarizamos, categorizamos e escrevemos textos sobre isso.” Ao citar teóricos durante nossa escrita, ela ressalta que estes devem ser citados conforme a norma exige, mesmo que estejamos apenas parafraseando-os, pois omiti-los citando apenas as unidades é silenciar este autor.

Ela também relata a experiência que teve ao pedir que os alunos produzissem portfólios semanais enquanto coordenadora do PIBID, ao qual chamaram de *parceria* o trabalho realizado entre universidade-escola. Buscando referenciais sobre *parceria* percebem que o termo tem origem em movimentos que promovem a precarização da escola, onde os recursos permanecem na universidade. Então, a problematização do uso da palavra *parceria* e a pesquisa sobre seus referenciais teóricos, permitiram que lhes fosse desvelado o verdadeiro significado e contexto histórico por detrás desta palavra, mostrando a importância que a ATD tem enquanto metodologia de análise.

Da mesma forma, (já adentrando na *Questão 02*), ela faz referência às unidades que segundo ela devem ser citadas, e não apenas mencionadas por códigos. Quando esclarecemos que em nossa pergunta “unidades” referem-se também as unidades de significado, a professora Maria do Carmo questionou em contrapartida: “O que *tu* pensa sobre isso? Como

ele *se mostra*?” Ressaltou que precisamos esclarecer como o fenômeno se mostra e então citar de forma completa as unidades que corroboram aquilo que percebemos enquanto pesquisadores, o que também responde a *Questão 04*. Salientou que, mesmo que não apareçam de forma explícita todas as unidades, devemos apresentá-las de forma que deixem claro como o fenômeno se mostrou e também adequadamente ao espaço que teremos de escrita. Quanto à explicitação do caminho metodológico percorrido durante a pesquisa, a professora Maria do Carmo defende que esta é uma decisão do(a) pesquisador(a), pois o texto terá elementos e características de sua autoria.

Quanto ao número de categorias finais resultantes do processo da ATD, a professora Maria do Carmo crê serem adequadas de 3 a 5: 3 pois nos afasta da dicotomia certo/errado que pode surgir quando apresentamos apenas duas; 5 pois acredita que em espaços de escrita de teses, mesmo que o fenômeno nos mostre mais categorias, estas 5 são as que damos conta de trabalhar com qualidade.

Quando adentramos na discussão da *Questão 05*, que nos remete aos processos de obtenção das categorias *a priori* ou emergentes, Maria do Carmo ressalta que o livro de ATD não é contrário ao uso de categorias *a priori* obtidas de forma dedutiva, pois temos teorias que nos constituem enquanto pesquisadores e se manifestarão ao longo de nosso trabalho. Já as categorias emergentes, que trazem um caráter indutivo, surgirão à medida que enquanto pesquisadores estivermos abertos ao fenômeno, que nos apresentará estas categorias de maneiras que não esperávamos.

Neste momento, o colega Lucas Pacheco traz outro questionamento: “De sua parte, o que você acha mais importante nessa explicitação (da obtenção das categorias emergentes), especialmente em artigos, onde há limitação de páginas?”

Em resposta a esta pergunta, a professora Maria do Carmo traz como exemplo o uso de quadros, que permitem explicar de forma mais simplificada o processo de ATD, mas ressalta a importância de mostrar de onde surgem estas categorias emergentes, ou seja, que ideia nos levaram às categorias em questão.

Ao falarmos sobre o uso de softwares como um recurso que torne o processo da ATD mais eficiente para grandes *corpus* de análise, a professora Maria do Carmo menciona que já teve acesso a diferentes recursos e o mais importante é que nos mantenhamos atentos ao nosso papel de pesquisador, aceitando ou não as sugestões que os softwares nos fornecem, em elencar categorias, por exemplo), para não perdermos nossa autenticidade e autoria na

produção de pesquisas. Sobre o questionamento levantado pela professora Cristiane se em um *corpus* de grande volume, seria mais fácil trabalhar com categorias *a priori*, Maria do Carmo responde que sim, desde que se mantenha atento às categorias que podem emergir. A colega Thalía traz então uma alternativa que utilizaram ao realizar um pesquisa com Livros Didáticos em que as unidades que compuseram o corpus de análise foram os pareceres escritos pelos pesquisadores, e não diretamente os textos do livro. A professora Maria do Carmo destaca que também se fez valer deste recurso em um projeto recente desenvolvido por ela, deixando claro que esta reescrita foi feita.

Ao final do encontro, quando discutiu-se sobre o *corpus* composto de teses, Maria do Carmo destaca a existência de categorias iniciais *a priori*, tendo em vista que um pesquisador no doutorado já possui um embasamento teórico maior, apresentando como resultado categorias finais definidas tanto de forma *a priori* quanto emergente. Ainda, Maria do Carmo destacou a importância do uso de ATD na busca dos temas geradores realizado pelos alunos do PIBID - Física no ano de 2022/2024 como fonte de inspiração para outros alunos em formação e também seu papel fundamental na formação integral dos educandos da graduação através do tripé ensino-pesquisa-extensão.

Questionamentos previamente enviado a professora Maria do Carmo Galiuzzi:

Questão 01. Em um dos encontros realizados, lemos que alguns autores, ao realizarem a ATD, explicitam uma etapa na qual realizam o fichamento de referencial teórico, gerando unidades denominadas “unidades teóricas”, que passam a ser codificadas. Nesse sentido, qual sua opinião sobre unitarização e codificação do referencial teórico?

Questão 02. Durante um dos nossos encontros, identificamos que no grupo não temos a prática de escrever unidades de significado de forma indireta, ou seja, sempre as exemplificamos utilizando citações diretas. No entanto, questionamos se é possível destacar apenas o código de uma unidade quando queremos nos referir a esse fragmento e, na escrita do metatexto, não mostrá-la na íntegra como citação direta?

Questão 03. Há limite para a quantidade de categorias?



Questão 04. Professora, temos refletido sobre a importância de tornar mais visível o percurso analítico na ATD. Uma das estratégias que consideramos é apresentar exemplos em quadros, mostrando as unidades de significado, as categorias intermediárias e as finais, além de um panorama geral das categorias construídas. Como a senhora sugere que sejam apresentadas as etapas da análise nas produções? Há formas que favorecem a compreensão do processo sem comprometer a natureza construtiva e interpretativa da metodologia?

Questão 05. Temos discutido o uso de processos dedutivos e indutivos na ATD. Compreendemos que categorias a priori podem ser construídas de forma dedutiva, enquanto categorias emergentes se relacionam mais com a indução. No entanto, temos dúvidas sobre como a ATD compreende a coexistência desses dois movimentos na análise. Em que medida é possível que categorias emergentes sejam tratadas a partir de raciocínios dedutivos ao longo do processo? E como a ATD orienta a articulação entre esses dois modos de pensar durante a produção das categorias e da metatextualização?

Questão 06. Considerando que a ATD valoriza a subjetividade e a autoria do pesquisador no processo interpretativo, até que ponto a utilização de softwares de apoio à análise qualitativa é compatível com os princípios da metodologia? Você acredita que existem possibilidades de equilibrar a potencial ajuda dos softwares, especialmente em contextos com grandes volumes de dados?

Questão 07. Existe algum software com maior sintonia com o processo da ATD? Que elementos ele deve possuir? Como garantir que a interpretação humana continue sendo o ponto central da pesquisa?

Questão 08. Temos refletido sobre a viabilidade da ATD em pesquisas com corpus muito extensos. Em nossa experiência, quanto maior o volume de dados, maior a dificuldade em organizar e manejar as unidades de significado. Nesse contexto, a ATD possui alguma limitação por conta do tamanho do corpus de análise, especialmente em categorias emergentes? Seria mais adequado nesse contexto, utilizar categorias a priori?